Actualidade da "MOCIDADE PORTUGUESA"

Vinte e cinco anos... uma geração!

Há iniciativas que, vistas a distância, parecem proféticas, surgidas de pressentimentos, inspirados por uma Entidade Superior para quem o futuro tem a actualidade do presente.

O momento que vivemos é um momento de dor e de sacrifício, de lágrimas e de sangue. Por isso só poderia ser vivido dignamente por uma geração preparada para suportar todos os sacrifícios, capaz de imolar-se na sua carne e de verter o seu sangue. E a geração actual vem dando provas da sua capacidade de resistência, do seu ilimitado poder de sacrifício, da sua inquebrantável vontade de não se deixar despojar da maravilhosa herança que os seus antepassados lhe legaram. Tem bem a consciência de que luta contra o mundo, mas luta. Não cora porque a acusam de quixotesca. Antes «D. Quixote» que «Sancho Pança».

A maioria da geração actual, dos que lutam e sofrem, vem das fileiras da «Mocidade». A ela, directa ou indirectamente, deve a sua formação. A ética da Mocidade Portuguesa foi, pouco a pouco, impregnando a educação da juventude de que deu os homens de hoje. O seu ideário de «servir e sacrifício» estão-no vivendo agora todos na sua carne. O lema que lhe foi imposto — Deus, Pátria e Família — está incutindo em todos a mais assombrosa coragem. Há mártires, muitos mártires, mas há também heróis, muitos heróis. Estamos vivendo uma época de gestas heroicas. Dia a dia se estão escrevendo na história páginas que nada desmerecem das da Batalha de Aljubarrota e das campanhas de Mousinho.

O valor das organizações avalia-se também pelos seus frutos. Vinte e cinco anos de vida da «Mocidade Portuguesa» estão dando os frutos maravilhosos do momento presente. Para a consagrar não lhe falta até o sangue derramado por alguns dos seus herois. Maciel Chaves e Nascimento Costa são dois herois modernos cuja alma foi plasmada pelo ideário da «M. P.», cuja energia e heroicidade foram forjadas nos exercícios das suas fileiras. Como eles, a geração que está defendendo essa parcela maravilhosa da Pátria Portuguesa, que é Angola, está vertendo generosamente o seu sangue pela própria existência de Portugal, pela defesa da família, branca ou de cor, pela extensão do apostolado cristão, base da civilização de há 2.000 anos.

Desde a sua fundação, há já 25 anos, — muito tempo antes da conquista sanguinolenta pela Rússia das actuais províncias da Estónia, Letónia e Lituânia e muito tempo antes do Alasca e das ilhas Haway se terem tornado estados americanos — já a Mocidade Portuguesa recebia no seu seio negros e amarelos como seus filiados. Eles já eram então tão portugueses como os brancos da Metrópole. Todos tinham os mesmos deveres e a todos eram atribuídos os mesmos direitos. Nada de segregações. A escola admitia nos mesmos bancos todos os portugueses sem distinção de cor; por isso a M. P. a todos franqueava sem restrições as suas portas.

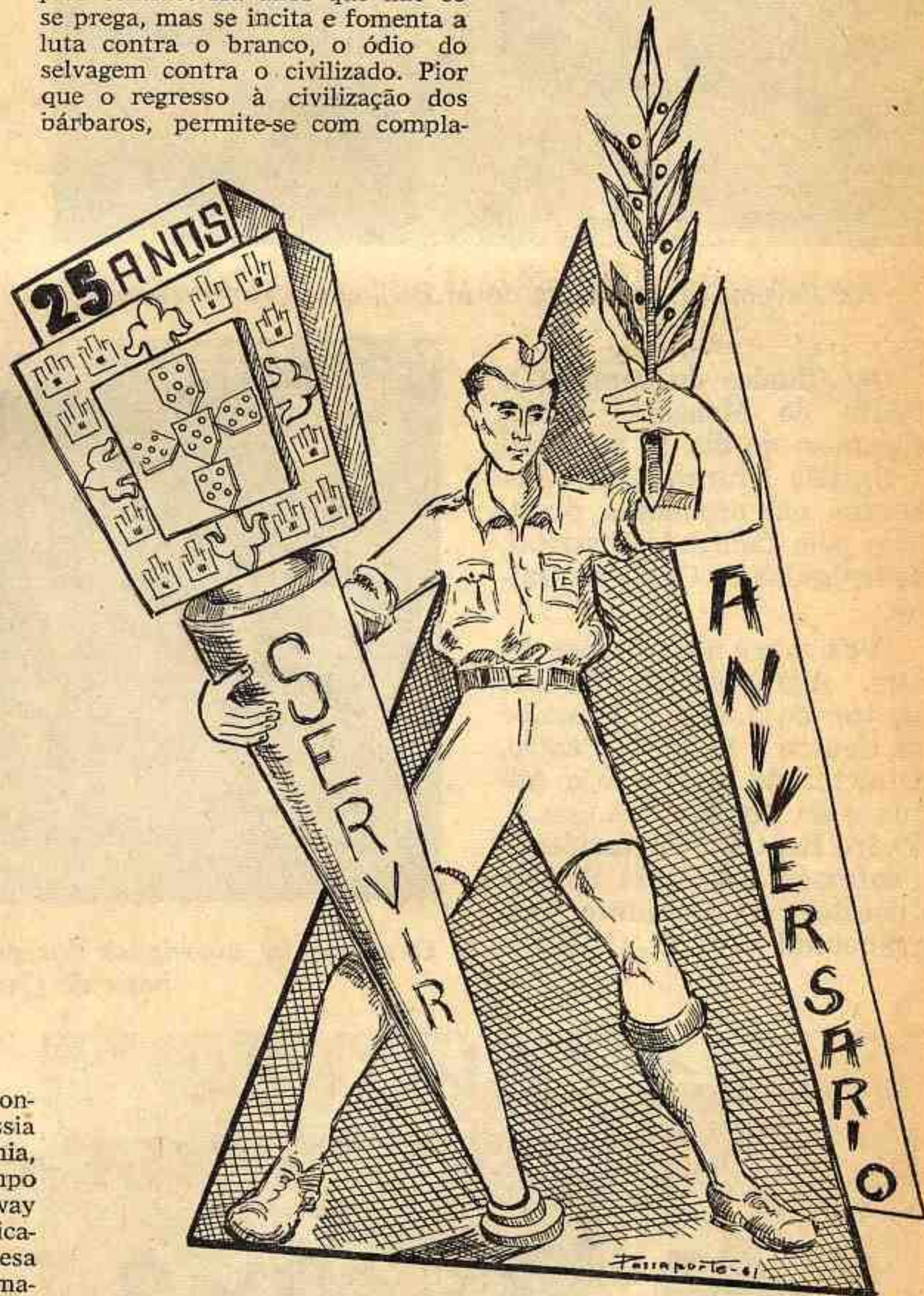
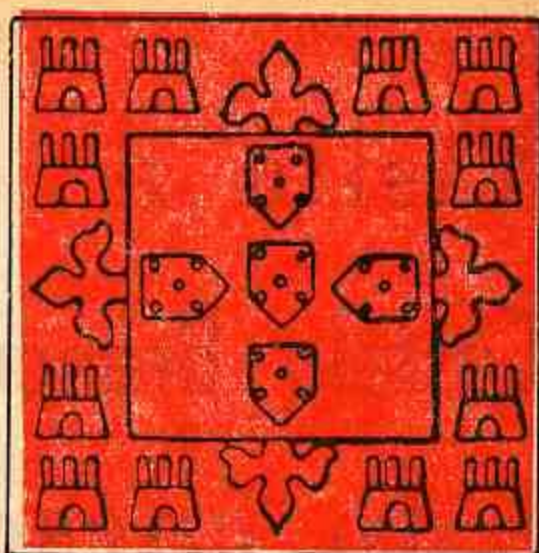
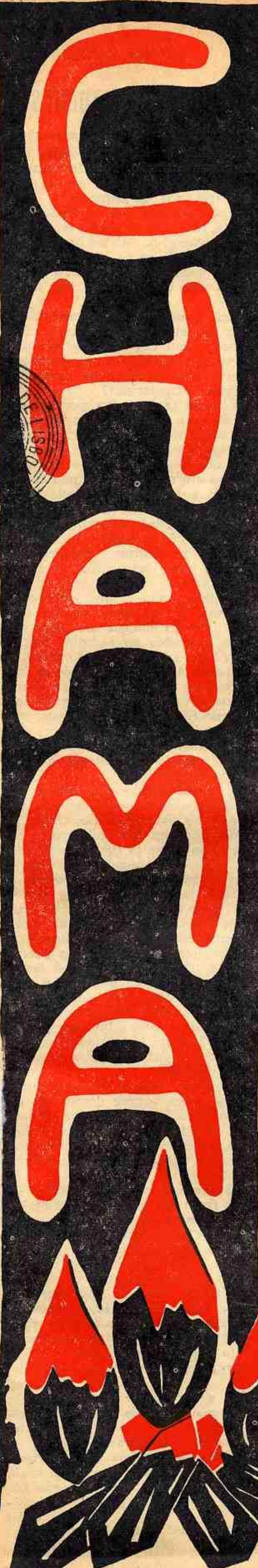
O racismo, que tanto enodoou alguns países antes da última guerra e contra a qual as nações aliadas fizeram a expressa e solene declaração de combater, não desapareceu. Parece ter sido em vão o sangue de tantos milhares de soldados. Disseram-lhes que combatiam pela liberdade, e cada vez há maior escravidão no mundo; que lutavam pela igualdade dos homens e cada vez se semeiam mais ódios entre eles. Esse racismo, em cujos altares foram sacrificadas milhares de vítimas, inquinou a política de algumas daquelas nações que juraram combatê-lo. Adoptaram os seus métodos e, na mais execrável traição histórica, inverteram-no no pior sentido. Há anos que não só se prega, mas se incita e fomenta a luta contra o branco, o ódio do selvagem contra o civilizado. Pior que o regresso à civilização dos bárbaros, permite-se com complacência o retrocesso até à animalidade canibalesca. O maior crime da História está sendo praticado pela própria raça branca, pois são homens brancos que pregam essa destrutiva luta, que justificam todas essas violências, que fabricam as armas com que serão aniquilados e protegem e sustentam os seus **inimigos com o seu próprio** dinheiro.

Em que findará esta luta de raça? Que virá a ser feito da raça branca?

Há exemplos históricos, graves e dolorosos, da quase extinção de raças. Que é feito da generosa e forte raça dos «Peles Vermelhas» que povoaram o continente americano? Os seus restos exíguos foram agrupados em «reservas» talqualmente Portugal constituiu as suas reservas de animais selvagens para

(Continua na 2.ª página)

4

DIRECTOR LEITE DE CASTRO
CHEFE DE REDACÇÃO C. C. PAULO PAIS N. PROENÇA
PROPRIEDADE E EDIÇÃO DO C. E. 2 (LICEU DA COVILHÃ)
19 DE MAIO DE 1961
Composto e impresso na Tipografia do «Jornal do Fundão» — FUNDÃO

Visita a Castelo Branco do curso "D. Pedro de Meneses"

O Director do C. E. 2 da Covilhã agradece a recepção dispensada e dirige uma exortação a todos os filiados

As dirigentes e filiadas da M.P.F. estiveram presentes

Os filiados do curso «D. Pedro de Meneses» deslocaram-se no dia 15 de Abril a Castelo Branco onde receberam, em cerimónia presidida pelo Delegado Distrital, as insígnias de Chefe de Quina.

Acompanharam-nos os Drs. Abrantes da Cunha, Reitor do Liceu e Director de Centro e Leite de Castro, Director de Instrução e Adjunto do Centro, o A.Q.A.R. Padre Baptista Fernandes, o Professor José Rosa Soares, Director do Conjunto Instrumental e os C. C. Paulo Pais Nunes Proença, comandante de instrução, José Orlando Pereira de Carvalho e Jorge Manuel da Conceição Ferreira, instrutores do referido curso.

O centro escolar n.º 1 de Castelo Branco dispensou à nossa representação as maiores atenções, tendo-nos sido dedicada uma recepção que não podia ser nem mais gentil nem mais simpática.

Fazemos votos para que estes encontros entre os dois centros se repitam mais vezes.

O grupo de acordeões dos centros da M.P. e M.P.F. do liceu de Castelo Branco

Juntamente com os nossos filiados receberam as insígnias os novos Chefes de Quina do centro escolar n.º 1 de Castelo Branco que tinham frequentado o curso «Padre António de Andrade».

Que uns e outros correspondam àquilo que deles esperamos para bem da Mocidade Portuguesa.

Pereira de Carvalho
(C.C.)

← *Camaradagem*

MOCIDADE PORTUGUESA

(Continuação da 1.ª página)

defesa das espécies ameaçadas de completa extinção. Nós formamos «reservas de animais», outros fazem «reservas de homens».

Qual é a nação que, no findar do século XX, pode orgulhar-se, como a Portuguesa, de não ter provocado a extinção de raças, mas antes de as ter protegido e defendido a tal ponto que com elas se tem cruzado?

Qual o país que, tendo territórios fora do seu continente, pode ufanar-se, como Portugal, de afirmar que não conquistou o seu desafogo e bem estar à custa dos seus territórios ultramarinos?

A acção ultramarina portuguesa foi sempre a mesma, não necessitou ainda de mudar de orientação. É hoje o que sempre foi. Nem tinha que mudar, quando o seu fim último era evangelizar, e não espoliar. E o Evangelho é ainda hoje o mesmo que há dois mil anos, porque a verdade é sempre a mesma. Para nós, *colonizar* foi sempre civilizar e civilizar entendemo-lo sempre como *cristianizar*. O Cristianismo nunca tolerou nem tolerará jamais qualquer distinção entre homens. A sua ética assenta em que todos os homens são filhos de Deus e irmãos no próprio Cristo. Não há a menor excepção. Nem a cor, nem a raça, nem os dotes intelectuais, nem os bens materiais autorizam a mais leve restrição. Porque filhos do mesmo Deus, somos todos irmãos em Cristo.

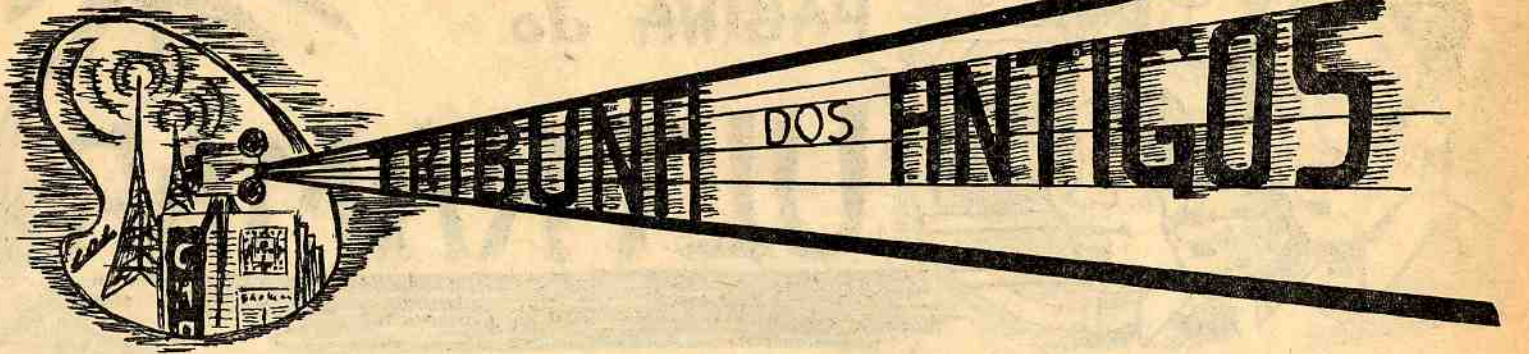
Que doutrinas sociais terão jamais pregado tão extensa e profunda igualdade?

A superioridade civilizadora de Portugal assenta na doutrina imutável de Cristo. Por isso, contra a civilização que Portugal espalha se conluiam todas as forças estranhas ao domínio português. Por isso o terrorismo veio de além-fronteiras e não nasceu em território nacional. E se o momento presente tem feito surgir em Portugal uma pleiade de assombrosa de heróis quase lendários, estes actuais heróis portugueses não têm sido apenas brancos, mas também mestiços e pretos. Todos têm vertido o seu sangue pela mesma pátria. Todos eles merecem a nossa admiração e respeito. Perante todos nos descobrimos com igual reverência e incontido orgulho.

O nosso imenso império ultramarino tem sempre despertado os mais desenfreados apetites. Quantas vezes não temos servido de alvo à voracidade de ambições materialistas. E temos resistido. E resistiremos.

Houve um génio — Camões — que fixou em palavras imortais — e os génios só o são na medida em que pelas suas obras conquistam a imortalidade — toda a tragédia e toda a excelência da História de Portugal. As suas palavras de há 400 anos são ainda hoje actuais como então. Para todos os portugueses, mas sobretudo para a Mocidade de Portugal, eles merecem hoje ser recordadas.

«Vós, portugueses, poucos quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que à custa de vossas várias mortes
A lei da vida eterna dilatais:
Assi do Céu deitadas são as sortes
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na Santa Cristandade.
Que tanto, ó Cristo exaltas a humildade!

José Abrantes da Cunha
Director do Centro

A Mocidade Portuguesa e a História de Portugal

Não será talvez descabido, nesta tribuna dos antigos, falar na M.P. e na História de Portugal, porque nós somos a continuação da juventude portuguesa, que na evolução dos acontecimentos históricos portugueses, tão elevado papel teve.

Basta recordar Nun'Alvares Pereira, paladino da fé e heroísmos portugueses, basta recordar os 40 conjurados que sacudiram o jugo imposto por uma potência estrangeira, e recordar a «Ala dos Namorados», formada quase na sua totalidade por jovens estudantes, para avaliarmos o grande destaque que a Juventude teve na nossa História.

A História de Portugal deve estar sempre bem presente em todos nós, porque um sentimento, que deve nortear-nos, é o amor à tradição, o amor a tudo o que nos legaram, porque esse legado constitui um somatório de lutas e heroísmos, de alegrias e tristezas por parte dos nossos antepassados, que conquistaram palmo a palmo este rincão de terra portuguesa, e que depois se abalançaram na descoberta de novas terras para engrandecimento e glória de Portugal.

Nada há que mais nos estimule do que relermos páginas magníficas e heróicas da nossa história, porque assim teremos consciência do que devemos fazer, isto é, conservar o que nos deixaram para os transmitirmos às gerações futuras.

A História de Portugal é toda ela um rosário de fé e de verdadeiro sentimento nacionalista.

D. Afonso Henriques, conquistado o território aos árabes, representa uma época de dilatação do cristianismo no meio maometano, representa a fixação, as verdadeiras fronteiras de Portugal metropolitano. D. Henrique, o iniciador da época mais gloriosa de Portugal, os descobrimentos, representa uma época de descoberta, civilização e cristianização, de novas terras e novas gentes, representa Portugal insular e ultramarino. É Portugal, nação enorme e grandiosa é Portugal espalhado por todas as partes do mundo, são portugueses de todas as cores e todas as raças, irmanados no mesmo sentimento nacional.

Ambas as épocas representam lutas, trabalhos e heroísmos; ambos os territórios são terras de heróis e santos, terra regada pelo sangue dos nossos avoengos.

A história, nomeadamente a História de Potrugal, é uma sucessão de factos, factos esses que de quando em quando têm a sua repetição. Um facto que se perde na bruma do espaço e do tempo, pode ter de um momento para o outro uma flagrante actualidade. Não são factos inteiramente iguais, mas um determinado número de características tornam-nos idênticos, e fazem com que haja da parte das nações e populações reacções semelhantes.

A reacção de D. João I, formando um escol de juventude, verda-

(Continua na 9.ª página)

O campismo e os seus problemas

Olhando atentamente o actual momento da sociedade, somos levados a concluir, que, lado a lado com os desportos, o campismo é um dos melhores meios de atracção das massas juvenis, pelo que lhe devemos dar toda a atenção e desenvolvimento, de que tanto necessita.

Na nossa região, é notório o fraco desenvolvimento das actividades de campo, pois lutamos com inúmeras dificuldades.

Afastados de Lisboa, onde se disfrutam todas as facilidades, temos que continuar vivendo entre montes e giestas, meio confundidos com a paisagem, e viver à custa dos nossos escassos recursos, a maior parte das vezes, sem um mínimo de condições que seria lícito exigir.

Mas se com um pouco de sacrifício e boa vontade, este problema se vai resolvendo, outro sobremaneira importante nos aparece: o das condições climatéricas. Devido a este facto, é compreensível e justo aceitar a preferência do acantonamento ao acampamento, porque, embora a nossa divisa seja «servir e sacrifício», não podemos prejudicar a integridade física dos filiados. Se isso acontecer, falhamos, e a nossa missão é um insucesso.

Numa região como a nossa, que no período de actividades nos oferece pouco mais de dois meses propícios a acampamen.os, é indispensável recorrer ao acantonamento, que, embora de menos sabor campista, nos dá a possibilidade de praticarmos campismo durante todo o ano de actividades.

É por isso que devemos dar maior incremento às actividades de campo, realizando acantonamentos, para o que dispomos de locais favorecidos.

Um período de acantonamentos no Outono e no Inverno, e outro

(Continua na 5.ª página)

A Mocidade Portuguesa e os tempos que correm

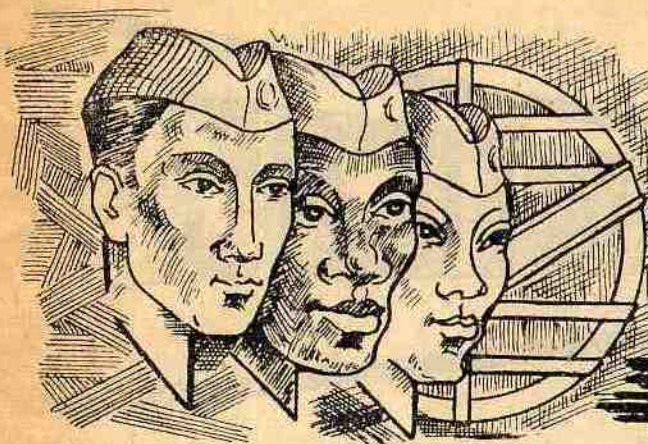
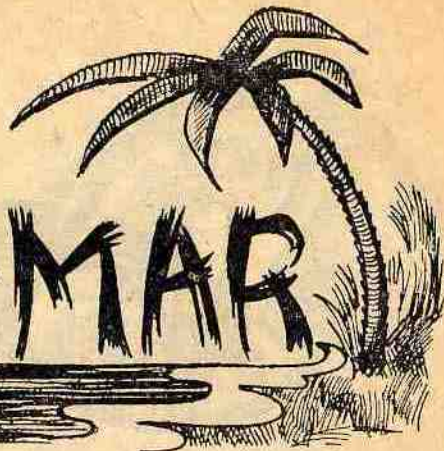
A hora que passa é hora de luta. Portugal está em guerra. Interesses confessados e inconfessados atacam-nos, pretendem diminuir-nos, destruir-nos, chupar o nosso sangue, comer a carne do nosso corpo. Não, tal não acontecerá! Não!, grita a Mocidade Portuguesa, porque ela é forte e corajosa, porque ela ama a sua Pátria ao ponto de dar a vida por ela, se tal lhe for exigido. Disso já alguns dos nossos deram provas e nós, todos nós, queremos seguir o seu exemplo, de antes morrer que trair.

Quem há aí entre a Mocidade que queira ceder? Quem há aí, educado na Escola que Carneiro Pacheco fundou, que não sinta o sangue palpitar no seu coração de jovem, os nervos e a alma a ferverem de indignação, a estoirarem de furor, a vibrarem de entusiasmo ardente, patriótico? Hora de luta. Quem vai negar-se a ela? Se a Mocidade se negasse, tudo se perderia. Mas a Mocidade nunca se negará pois ela não conhece a traição, não vê impossíveis, não conhece a derrota.

Os destinos da Pátria estão em jogo. Da Pátria que amamos, de que sofremos a angústia, ou os momentos grandes. Da Pátria, que não é para nós uma simples palavra de politiqueiros, mas algo de grande, de real, como é a família e o próprio Deus.

Não hás-de morrer, Pátria minha idolatrada, aqui, na Ásia, ou na África. O teu destino há-de cumprir-se, porque a tua juventude assim o quer, porque a juventude de hoje, como a de ontem, está a teu lado e dela não se envergonharão jamais Nuno Alvares e Camões. Ela olha para os seus antepassados, com eles aprende a ser herói e como eles quer servir.

Joaquim Alves Baptista

Os antigos graduados do nosso Centro recebem em Castelo Branco os actuais graduados

Falam portugueses do Ultramar

Continuando a escutar a opinião de camaradas universitários, naturais do nosso Ultramar, apresentamos hoje uma conversa entre uma cabo-verdiana e um guinéu, alunos da Universidade Técnica de Lisboa.

Maria Luísa
S. Vicente
Inst. Superior de Ciências Económicas e Financeiras

Oliveira Santos
Bissau
Instituto Superior Técnico

A primeira pergunta pertence à estudante de Economia.

— Recentemente chegado à Metrópole, podes dizer-me quais foram os principais problemas que então se te apresentaram, quer sob o ponto de vista social, quer mesmo escolar?

— Há na Metrópole uma série de problemas que não se encontram no Ultramar, de uma maneira geral. Assim, particularizando o meu caso, devo dizer que aqui em Lisboa se nota nas diversas Faculdades uma certa falta de camaradagem que abrange não só os ultramarinos, como os próprios metropolitanos que vêm da província. Quanto a mim, as Associações, apesar do seu esforço, não resolvem o problema a contento; mas, devo declarar que não frequento a minha Associação a s sìduamente. Acho que esse defeito é nosso, quer dizer, resulta do espírito egoísta que nos domina, involuntàriamente, a maior parte das vezes. Devíamos e devemos ser mais francos, mais abertos. Devo também declarar que encontrei

(Continua na 10.ª pág.)

GUINÉ — Uma aula prática no Liceu de Bissau. O Oliveira Santos é o primeiro da direita

MEMÓRIAS DO CRUZEIRO GAGO COUTINHO

Amigos, a narrativa continua. Como consegui eu saber o resto, perguntarão vocês. Não desconheceis que os jornalistas sempre conseguem os seus intentos e eu, modéstia à parte, sou um bom jornalista. Qual o truque empregado? Mas foi fácil! Dirigi-me aos moços, apresentei-me e, o resto... bem, o resto já o ides saber.

LUNDA... OU CARMONA

Na realidade quase foi preciso

(Continua na 9.ª página)

Breve descrição de uma magnífica jornada pelo Continente

— Depoimento da aluna do Liceu Nacional Correia de Sá, Maria Leonor d'Alva Teixeira.

A nossa romagem metropolitana, embora breve, foi bem proveitosa para todos nós, em especial no aspecto cultural. Destinou-se essencialmente a visitar os principais monumentos históricos.

«A Cidade das Sete Colinas», com a sua tão grande beleza arquitectónica (Jerónimos, Castelo de S. Jorge, Torre de Belém, etc.), bem vincada ficou na nossa memória. A escassez de tempo em breve nos obrigou a separar dela, para podermos visitar outros lugares.

A passagem pela Batalha, um dos mais belos exemplares de arquitectura, com as suas capelas imperfeitas em gótico florido, contrastando pela riqueza da ornamentação, com a sóbria simplicidade do templo pròpriamente dito, deixou-nos verdadeiramente estupefactos.

A chegada ao mais sagrado lugar de Portugal — Fátima — fez aumentar a nossa Fé em Deus. Impressionou-nos a Basílica, que se impõe pela sua vastidão e magnificência.

Em Tomar foi-nos dado visitar o Convento de Cristo. Encantou-

(Continua na 9.ª página)

"Férias para estudantes ultramarinos"

A juventude vive da acção

"Chama", orgão de um Centro Escolar da Mocidade Portuguesa, lança a Campanha **"Férias para estudantes ultramarinos"**. É do conhecimento de todos que algumas centenas de jovens ultramarinos continuam os seus estudos superiores na Metrópole, separados por alguns milhares de quilómetros de suas famílias e, na maioria, impossibilitados de passarem férias com elas. Porque não convidamos nós estudantes, os nossos camaradas do Ultramar a virem passar férias em nossa casa? **A Camaradagem** é algo de sublime Esta palavra não deve ficar só escrita; deve ser vivida. Precisamos de agir.

Há muitas famílias que têm filhos estudantes e que têm possibilidades de receber em suas casas, por um determinado período de tempo, um jovem universitário, que irá partilhar da sua vida. Não é necessário preparar-lhe grandes festas. Ele fica mais satisfeito se souber que não se incomodam por sua causa e que lhe dão até oportunidade de poder ajudar em qualquer coisa. Apelamos para essas famílias: venham até nós; digam-nos que as vossas portas estão abertas que nós trataremos do resto. Durante os meses de Agosto e de Setembro há certamente gente que está disposta a colaborar nesta Jornada de Camaradagem. **A campanha é de acção.**

Iniciado na Covilhã, cidade sempre tão hospitaleira, este movimento tem de alastrar a toda a parte onde haja Portugueses.

Que os Graduados se coloquem na Vanguarda. É a eles que compete tomar a seu cargo o desenrolar da Campanha.

Estamos ao vosso dispor para o que for necessário. Não hesitem. **Confiamos na Juventude.**

1 — ULTRAMAR

Tens ouvido dizer muitas vezes que Portugal é uno e indivisível, especialmente no decorrer dos últimos tempos. Tu próprio é natural que já o tenhas afirmado.

Certamente que leste a entrevista que o Comandante do Corpo Nacional de Graduados concedeu a este jornal e que foi publicada no nosso último número. Recorda a parte final: *«O meu desejo é que os jovens da Covilhã se preocupem em conhecer as terras portuguesas de além-mar e que as estudem nos seus diversos prismas na medida das possibilidades dos seus conhecimentos».*

Já se passou mais de um mês. Tiveste tempo para meditar. Que acção desenvolveste para um conhecimento próprio da causa que é a nossa razão de ser? Olha que Portugal será aquilo que tu quiseres que ele seja. Achas que será só com discursos que nos manteremos unos e indivisíveis?

Uma maneira de alargares esse conhecimento poderá ser conseguida através do intercâmbio com jovens do Ultramar. A «Chama» põe ao teu dispor um meio: colabora na Campanha «FÉRIAS PARA OS ESTUDANTES ULTRAMARINOS».

2 — COMEMORAÇÕES CONDESTABRIANAS

Estiveram nesta cidade as relíquias de Nuno Alvares Pereira. O seu valor todos o conhecem e ninguém o põe em dúvida. Igualmente do domínio geral, é o conhecimento de que a M. P. o escolheu para seu patrono a par do Infante D. Henrique. Vultos heróicos e contemporâneos que construiram na História páginas indestrutíveis. Pedestrais de uma civilização a que o Mundo tanto deve. Ontem, recordamos o Infante; hoje, relembramos o Condestável, este sem dúvida mais ligado à nossa maneira de ser. Portugal é uma Nação e isto chega para individualizar os seus filhos; porém, quem, em análise, reflectir sobre este assunto, verificará que essa individualização sempre se dirigiu no sentido da Verdade e da Honra.

Os tempos passaram, mas a constante do problema mantém-se: soa nos nossos ouvidos o eco do troar das armas com que nos defendemos e com que nos atacam; conhecemos o valor do inimigo, abstraindo a razão de que se dizem possuídos; não olvidamos a necessidade de sacrificar tudo o que for preciso. Ousamos afirmar: estamos em paralelo com 1385; 14 de Agosto aproxima-se... Não acreditamos que os factos históricos se não repitam, pois a nossa sobrevivência em muito ultrapassa o empirismo científico. Preparemo-nos.

Tomemos exemplos, para da experiência colhermos alguns frutos. Recordemos o Condestável. Peçamos-lhe algo do que ele teve durante a sua vida.

Nós queremos ser Nuno Alvares no reviver do facto histórico.

3 — AOS GRADUADOS

Desculpai-nos, amigos leitores, o dedicarmos esta parte final da nossa crónica a quem mais se deve preocupar com estes assuntos — os Graduados. Aproveitamos este meio por ser rápido e por a todos abranger. Não esquecestes ainda a reunião que se realizou na Casa da Mocidade no dia da sua inauguração e onde esteve presente um Graduado com muito prestígio e grandes responsabilidades dentro da nossa Organização. Escutastes o que ele vos disse e prometestes responder com acção ao que vos pediu. Posteriormente, no primeiro artigo concebido nesta «Varanda», pusemo-nos à vossa disposição para o que de nós necessitásseis. Desconhecemos o que tem sido o vosso dia a dia, na medida em que ele pode ser elemento justificador. Porém, se vos preocupardes um pouco com o que cumprir o prometido. Nós não vos esquecemos: a prova é clara.

A Mocidade vive dos seus Graduados na medida em que eles são o seu meio, pelo que não se podem alhear das suas responsabilidades (e mal vai quando assim acontece. Não podeis cruzar os braços, deixando as coisas correr, impulsionadas por quem, por vezes, está impossibilitado de lhes dar o melhor caminho. Tendes de intervir, para o que vos deveis colocar no devido lugar, respeitando as naturais hierarquias, mas elucidando as quando cairem em erro. O fim é de todos.

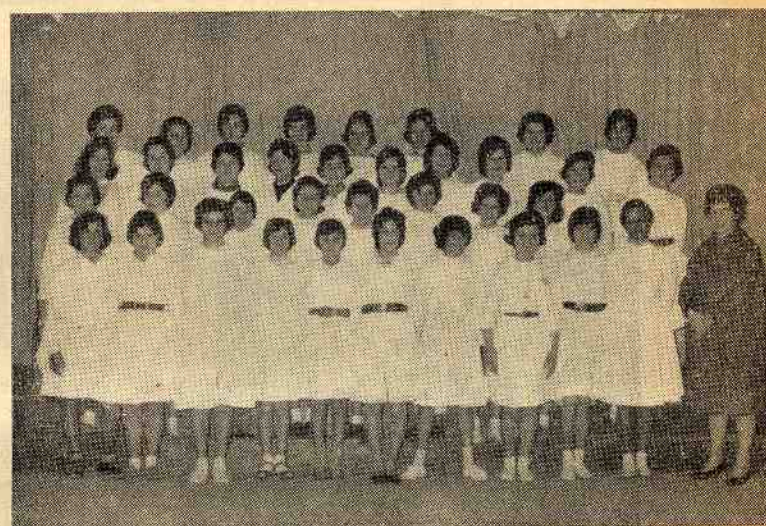
Nós continuamos à espera...

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 — Ave aquática do Rio Grande do Sul; 2—Atingirem; 3—Larva que se cria nas feridas nos animais; 5—Crisol (inv.); moeda portuguesa de Dio; 6—Observa; símbolo químico da prata; 7—5.º mês (inv.); filha do mesmo pai e da mesma mãe; 8—Anagrama de lorde; 9—Contracção de preposição e artigo; utensílio; 10—Pronome pessoal; aproximação (pref.); 11—Louco.

VERTICAIS: 1—Moeda de Macau e Timor; 2—Pronome pessoal; monarca; partícula afirmativa do dialecto provençal; 3—Letra grega (inv.); 4—Instalação no campo; 5—O Sol entre os egípcios; vassoirar o forno depois de aquecido; 6—Classe de tropa; língua outrora falada no Norte de França; 7—Delinquente; cubro (inv.); 8—Delicadeza; 10—Sorriam; 11—Nome de letra.

Actividades da M. P. F.

Uma aula de Lavores

O Grupo Coral Feminino

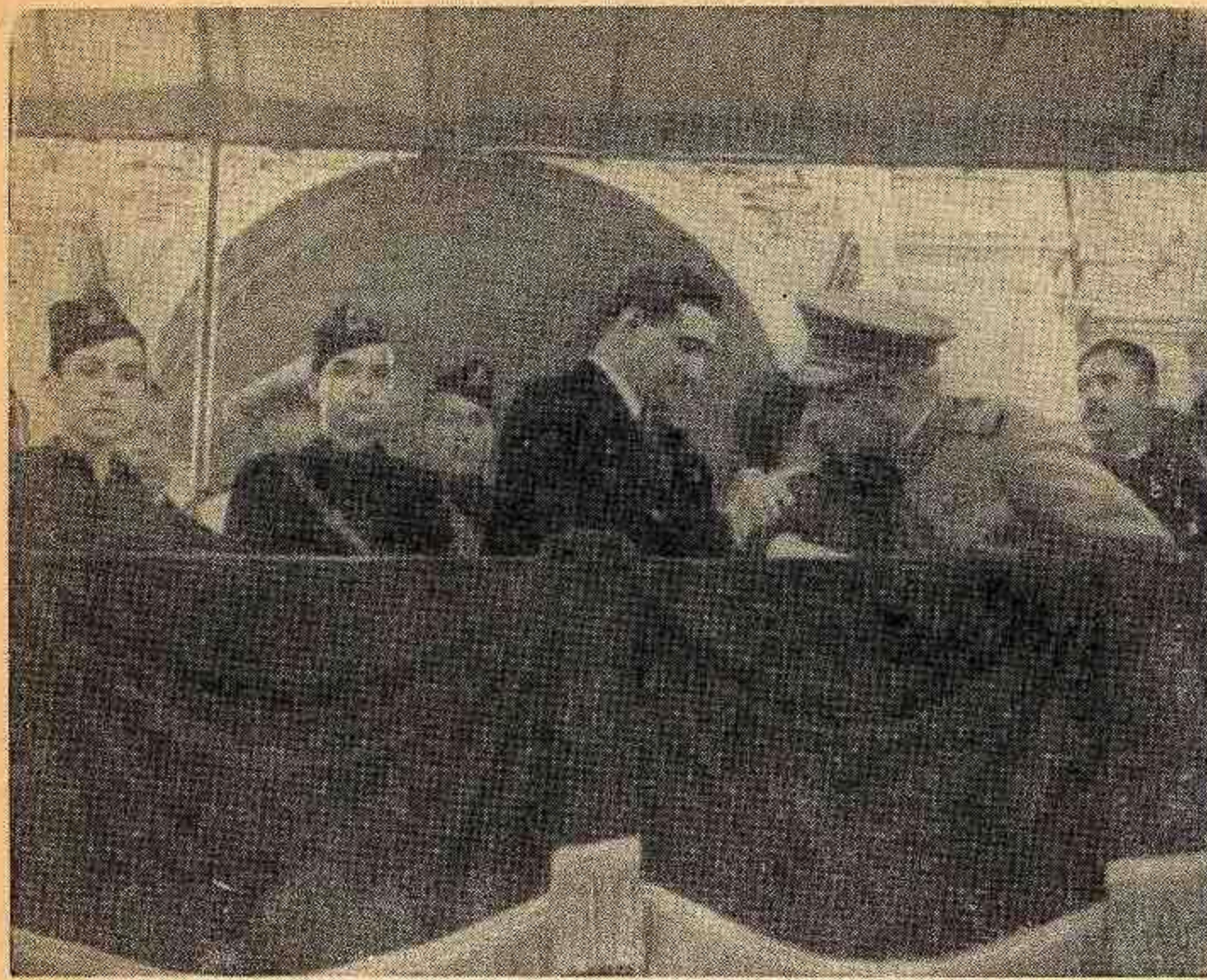
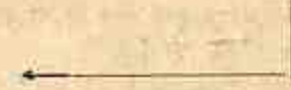
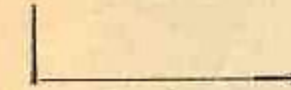
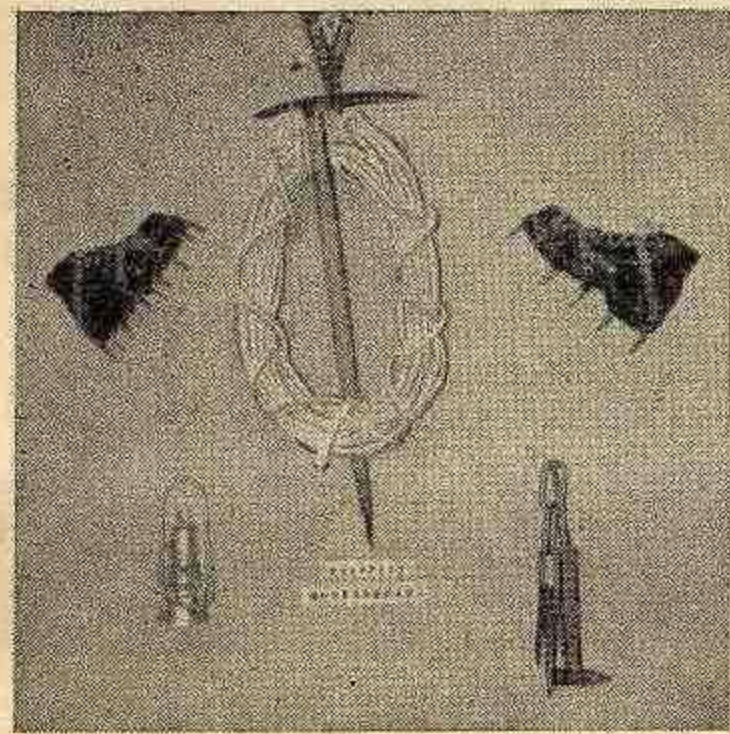
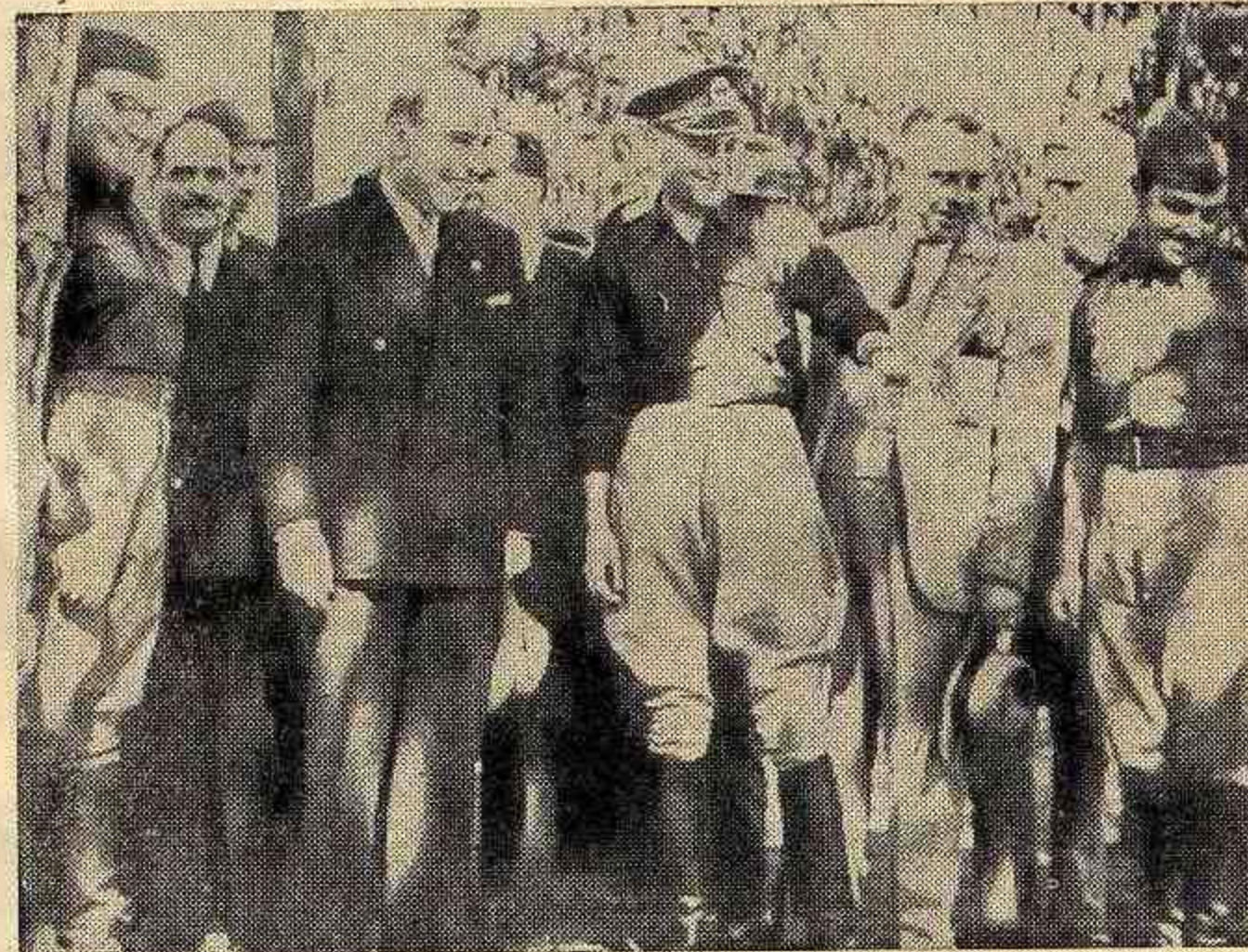
Exercícios de Educação Física

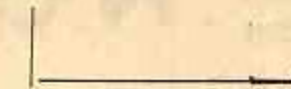
O CAMPISMO E OS SEUS PROBLEMAS

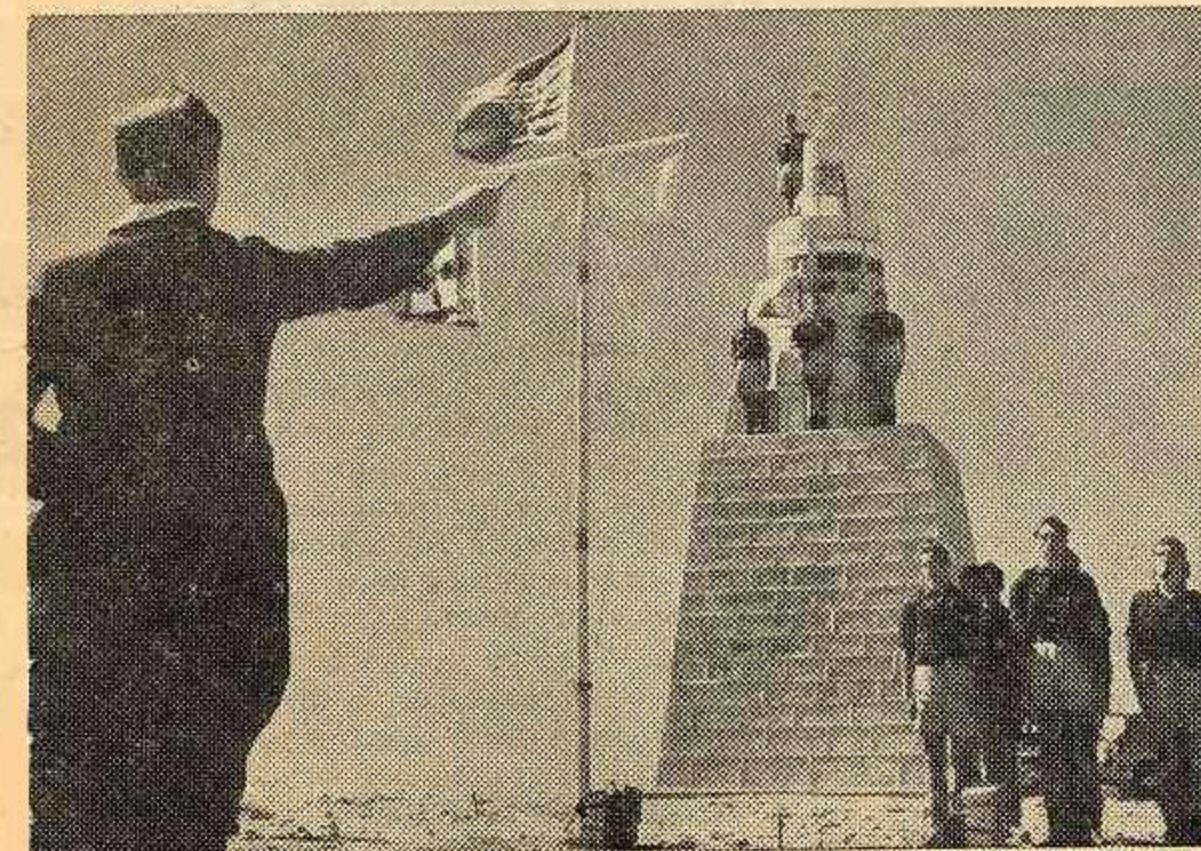
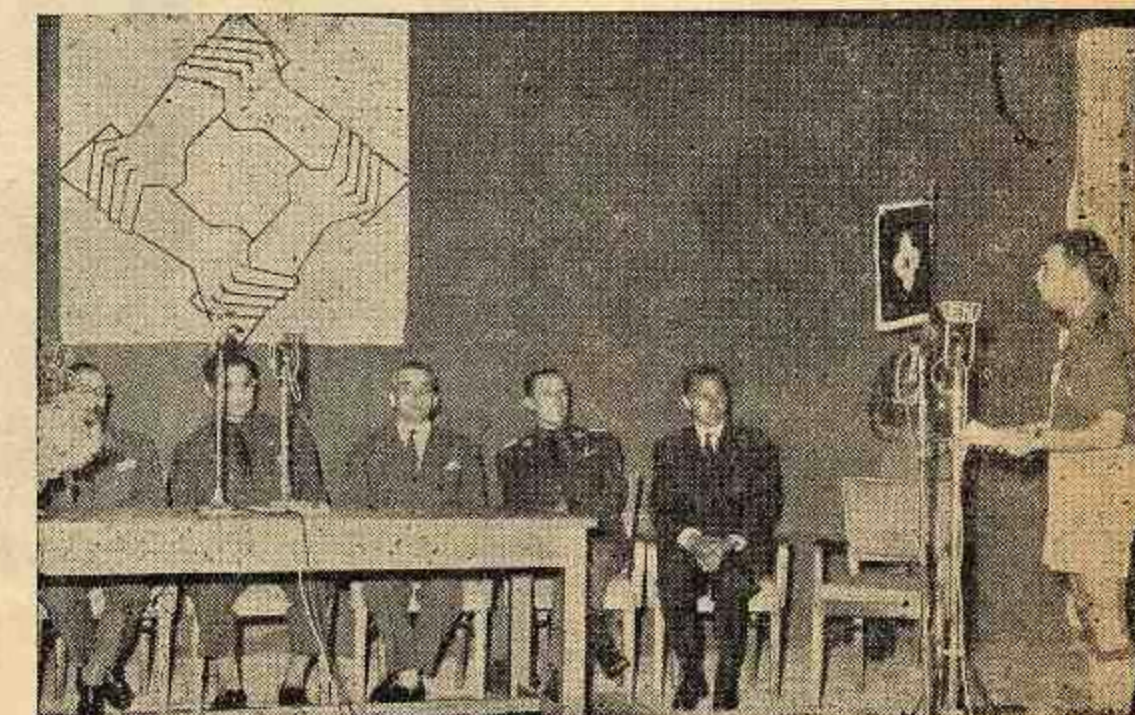
(Continuação da 3.ª página)

de acampamentos na Primavera, seria pois o ideal, para o desenvolvimento desta actividade que infelizmente tão maltratada tem andado entre nós. Fica pois aqui o meu apelo, que penso soará bem alto: «Que este fim do período de actividades e os próximos sejam em prol do Campismo».

Mário Carvalho Tomé
(C. C.)

25 ANOS AO SERVIÇO DA JUVENTUDE

CARMONA E SALAZAR ASSISTEM À PRIMEIRA FESTA DO LUSITO

[...]NDER DA CHAMA NO 5.º [...]PAMENTO NACIONAL (1955)

VELANDO...

CENTRO ESPECIAL DE SKY E MONTANHISMO

[...]ELO CAETANO, AO TEMPO [...]SARIO NACIONAL VISITA [...]ACAMPAMENTO DA M.P.

CASAS UNIVERSITARIAS, CENTROS DE CAMARADAGEM

1.ª MISSÃO DE ESTUDOS DE ANGOLA

FALA O PRESIDENTE DA 1.ª CONFERENCIA NACIONAL DE GRADUADOS, REALIZADA DURANTE O 2.º CONGRESSO NACIONAL DA M.P. (1955)

1.ª MARCHA DE CAMARADAGEM À SERRA DA ESTRELA (1938)

ENCERRAMENTO DO 3.º ENCONTRO DE GRADUADOS (1959)

MOVIMENTO

NOVOS CHEFES DE QUINA

Depois de terem frequentado o II curso de chefes de quina do nosso Centro que teve por Patrono D. Pedro de Meneses e por Divisa «Defenderemos a Praça» ficaram aprovados nas provas finais os seguintes filiados:

António Artur Romão Alves de Matos
António Martins da Cruz
Carlos Barata Ribeiro
Fernando Guerra Ferreira
Filipe Pais Nunes Proença
João Lopes Esteves
José da Costa Caramona
Jorge Teles André
Ângelo Guerra Dias da Cunha
António Alberto Veiga de Macedo Carrilho
António Manuel Pinto Fazendeiro
Carlos Dâmaso Filipe
Francisco Manuel Neto Martins
José Armando Lopes Saraiva
Luís Fernando Santos Sousa Martinho
Manuel Esteves Alegria Ribeiro
Manuel Fazenda Lourenço
Manuel de Jesus Duarte
Romeu Alfredo Pereira Francês
Romeu Duarte Teixeira
Vítor Manuel Rodrigues Madeira
António Filipe da Silva Roberto
Francisco António Pombo Dias
Jorge Francisco Duarte Alves
José Armando Romão Solano
Manuel da Cruz Rebelo
Manuel Joaquim Antunes Luís da Costa
Manuel José Pina Fernandes
Nascimento Martins Baldo
Manuel Marques de Almeida
João António Vicente Flores
José Luís da Fonseca Azevedo
Manuel de Jesus Marques
Vítor Manuel da Silva Boucho
João José da Silva Varandas
Luís António Cabral Lopes Arroz
Walter Marques Jacinto.

A imposição das insígnias realizou-se em Castelo Branco numa cerimónia a que presidiu o Delegado Distrital, como relatámos noutro local.

PALESTRAS CORPORATIVAS

O IV ciclo de palestras corporativas dirigido pelo Dr. José Casinha Nova foi encerrado por uma conferência do D. Dório Lopo de Abreu que falou sobre Casas do Povo.

Presidiu o Dr. Abrantes da Cunha e estiveram presentes o Subdelegado do I.N.T.P., muitos professores e filiados.

Usaram da palavra além do ilustre conferente o Chefe da Secção Cultural C.C. Paulo Proença, o Dr. Casinha Nova, o Subdelegado do I.N.T.P. e, finalmente, o Sr. Reitor que se congratulou com o bom êxito deste Ciclo.

SESSÕES DE CINEMA

Organizadas pela secção cultural realizaram-se 2 sessões de cinema em que foram exibidos os filmes «Frei Luís de Sousa» e «Chaimite».

Esta iniciativa despertou o maior interesse em todos os filiados.

Na primeira sessão falaram o C. C. Paulo Pais Proença que expôs as finalidades da secção com este empreendimento e a sr.ª D. Ilda Pina Guerra, professora do liceu, que se referiu à vida de Frei Luís de Sousa e ao drama de Garrett; na segunda foi feito um breve comentário às campanhas de Africa e à acção de Mouzinho pelo Dr. Leite de Castro.

DIA DE ANGOLA, DIA DE SALAZAR

Em comemoração do aniversário da entrada para o Governo do Sr. Presidente do Conselho o A.Q.G. Leite de Castro dirigiu a todos os filiados uma breve exortação referindo-se à acção governativa do Dr. Oliveira Salazar e à situação presente da nossa província de Angola.

PROVA DE CAMPO

Sob a direcção do A.Q.G. Leite de Castro e comando do C.C. José Orlando Pereira de Carvalho os filiados do curso «D. Pedro de Meneses» realizaram uma prova de campo na região da floresta tendo todas as quinas obtidos bons resultados.

PALESTRAS CONDESTABRIANAS

Integradas nas comemorações condestabrianas do centro realizou-se um ciclo de palestras orientadas pelo A.Q.G. Leite de Castro em que este nosso dirigente focou os seguintes temas:

1) Antecedentes da crise 1383-1385
2) A Revolução Nacional
3) Nuno Álvares, Condestável de Portugal
4) Nuno Álvares e João das Regras
5) Nuno Álvares em Ceuta
6) Frei Nuno de Santa Maria

Uma aula prática de transmissões

Preparando uma prova de campo

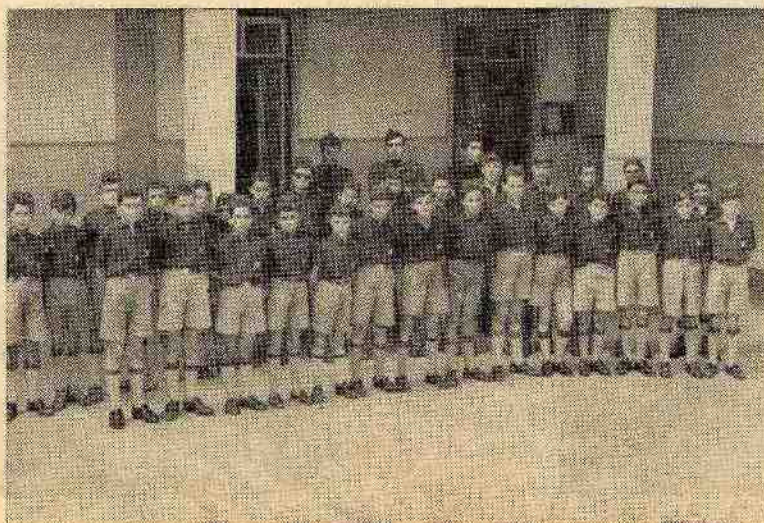
Novo chefe da Redacção da «Chama»

Por conveniência de serviço foi entregue a chefia da redacção da «Chama» ao C.C. Paulo Pais Nunes Proença, um dos redactores mais dedicados e que já muito se tinha distinguido pelo interesse que lhe merecia o nosso jornal.

O C.C. Paulo Proença a quem o Director de Centro louvou no fim do ano passado pelo seu zelo e competência mereceu por mais duas vezes, ainda, que o seu nome fosse referido em ordem de serviço e o seu exemplo apontado a todos os filiados.

Além de chefe da secção cultural exerce também, as funções de comandante de instrução, comandante adjunto do Centro, ajudante do Director de Centro e foi instrutor dos dois últimos cursos de arvorados e chefes de quina.

Chamado a servir em mais um lugar de responsabilidade, a direcção da «Chama» está, plenamente, confiada que neste novo posto o C.C. Pais Proença saberá, como em todos os outros, cumprir e sacrificar-se a bem da Mocidade Portuguesa.

L. C.

O curso de chefes de quina D. Pedro de Meneses

«LUZEIRO»

Foi publicado o 3.º número do jornal «Luzeiro», orgão do corpo distrital de graduados da M. P., pelo que felicitamos o seu ilustre Director e corpo redactorial.

Memórias do Cruzeiro Gago Coutinho

(*Continuação da 4.ª página*)

deitar «caras ou coroas», pois toda a gente estava interessada em visitar as minas de Diamantes. Hoje, os que não foram a Carmona, caso dos nossos dois amigos, arrependeram-se, pois, como sabeis, é naquela zona que a nossa Pátria foi atacada e que alguns portugueses, heróis de corpo e espírito, nos perpetuam.

Relatemos o que se passou com o grupo de 21 graduados que, acompanhados pelo Assistente Religioso Rev. Padre Dr. António Queirós da Silva, Dirigente íntegro e um sacerdote como poucos (em especial dentro da nossa Organização), partiram para a Diamang.

Eram 6 horas da manhã quando chegaram ao aeroporto para apanharem o avião especial da D.T.A. (companhia de transportes aéreos naquela província). Já na pista, foram obrigados a retardar a partida, por avaria num motor. Apesar de prometerem uma reparação breve, só às 10 e 30 e, noutro avião, se levantou voo, o que tornou a viagem um pouco impetuosa, na medida em que o ar quente obrigava a muitos e prolongados balanços. Houve muita gente que se fartou de chamar pelo... «gregório». Além da visita às minas pròpriamente ditas, houve uma coisa que ficou gravada para sempre no espírito daqueles metropolitanos: o «pôr do sol» oferecido pelo administrador da Companhia, no qual alguns jovens deixaram ficar o seu coração. Bem entendido que isso foi matéria que se aproveitou para a Chama que nessa noite realizaram e que se transformou numa verdadeira jornada de camaradagem entre os rapazes e os que ali trabalham. As suas canções fizeram-nos viver a vida das suas terras e não admireis que, terminada a Chama, um grupo, em casa de um dos Engenheiros, cantou muito mais canções, para que a fita magnética, através de uma operação de gravador, registasse as suas vozes. No dia seguinte, manhã cedo, toda a gente se foi despedir deles. Houve quem, em resultado da inspiração do «Pôr do Sol», fizesse versos ou pedisse aos anjos para que os motores do avião se avariassem. Pouca sorte, coitados... Limitaram-se a ver lenços brancos que na pista lhes acenavam e, depois, à correspondência epistolar...

CAMBAMBE E CELA

Em viagem para o sul, chegaram a Cambambe, onde se aliam duas fases fundamentais da História de Angola: as ruínas da antiga fortaleza e a grande barragem que a mão do homem ergue no Ananza. As minas, na medida em que recordam um dos três vértices do Triângulo que constituiu a nossa defesa contra os holandeses; a Barragem, como empreendimento que virá criar condições para a industrialização de uma vasta área da província (como nota curiosa note-se que, após a sua entrada em funcionamento, produzirá 3.500.000.000 Kw por ano, que é tanto como a capacidade total de produção de todas as centrais do continente actualmente em exploração).

Nesta visita foram acompanhados pelo jornalista Ferreira da Costa que tão ligada tem a sua vida à Covilhã, e que diàriamente ouvimos na Emissora Nacional, nas suas crónicas de Luanda.

Já me esquecia de apresentar uma personagem a quem tanto o Cruzeiro ficou a dever e que, a partir da Lunda, sempre o acompanhou: o Capitão Ventura Rodrigues, terrível matador de *surucucus* e caçador de antes *quebrar que torcer*. Hoje encontra-se em Lisboa, prestando serviço na Inspecção de Formação Ultramarina.

De Cambambe passaram por Vila Salazar e chegaram à Cela, planura enorme que o espírito civilizador português tornou um autêntico pomar. Prevê-se que dentro de três anos haja 54.000 ha de cultura devendo então a receita orçar pelos 600.000$00. Muitas pessoas conhecidas por ali paravam, o que trouxe momentos de alegria e proporcionou alegre confraternização, pois, desde o desafio de futebol à Chama, tudo serviu para unir os laços de amizade. Houve lágrimas de alegria e saudade e a satisfação, resultante do ardor mútuo comunicado, foi grande.

NOVA LISBOA, A CIDADE CONSTRUIDA PARA CAPITAL

Ei-los chegados a Nova Lisboa, cidade moderna e bonita. A mesma alegria no rosto das pessoas que esperavam; o mesmo traço de trabalho árduo nas fisionomias. O português continua ali, como em qualquer outra parte, a missão de que Deus o incumbiu: civilizar. Recordam com emoção a visita a dois locais diferentes, mas de lições idênticas: o Batalhão, onde soldados pretos se preparavam para a defesa da Pátria, e a Escola do Magistério Elementar dr. Luína. Aqui, centenas de angolanos de cor se preparam para ir dar aulas, ensinando assim os seus irmãos. Eles cantaram para o Cruzeiro as mesmas canções que se ensinam nos Liceus. O Cruzeiro cantou para eles canções do folclore angolano. Davam-se as mãos; irmãos de origem geográfica diferente mas de alma e coração comum; seres exteriormente antagónicos mas espiritualmente iguais.

Ainda hoje, passados quase dois anos, as lágrimas caem pelas faces de alguns graduados, quando se lembram de que, com as camionetas em andamento, viram os seus camaradas correndo ao lado delas, dizendo adeus, acenando e dando vivas à Pátria comum.

N'Gola

Nem só os pretos aprendem com os brancos

A MOCIDADE PORTUGUESA E A HISTÓRIA DE PORTUGAL

(*Continuação da 3.ª página*)

deiros soldados que repeliram as invasões feitas a Portugal, a reacção de D. João IV que, juntamente com os 40 conjurados e os exércitos portugueses, sacudiu o jugo e tornou Portugal livre e independente, a reacção de D. João VI que não abdicou, como abdicaram a maior parte dos monarcas europeus, e que, deslocando-se para o Brasil, nossa província ultramarina nessa data, governou o reino e assegurou a continuação da IV monarquia e, por consequência, a continuação de Portugal, são reacções idênticas que se baseiam nos ataques feitos à unidade nacional, à nossa Pátria.

Que nós, rapazes da M.P., que somos a continuação da Juventude portuguesa, relembremos os nossos ideais para que nunca nos esqueçamos dos nossos deveres para com a Pátria, para que tomemos consciência do momento actual da História portuguesa, dos ataques perpetrados na nossa província de Angola, para que reajamos a estes ataques que são dirigidos a uma Nação que tem 800 anos de história, a uma Nação onde não há diferenças raciais, que são ataques dirigidos às nossas tradições, à nossa História.

Defender Portugal destes ataques é tornar-nos dignos dos nossos antepassados, é escrever páginas de glória da nossa História é continuar «Portugal Uno e Eterno».

Mário Pinheiro
(C. B.)

Breve descrição de uma magnífica jornada pelo Continente

(*Continuação da 4.ª página*)

-nos a graciosidade da cidade e a tão florida Pousada de Santa Iria. Mais ao lado, o castelo de Almorol — verdadeira ilha flutuante — tão cheio de fascinantes lendas.

Em Coimbra, no Penedo da Saudade. Maria Leonor é a primeira da esquerda

Depois, a impressionante barragem de Castelo do Bode e Santarém.

Quando lembramos o Norte, mais fundas são as recordações gravadas nos nossos corações. Sim, o Norte prendeu-nos com as suas paisagens cheias de mansidão, de prazer, de suavidade e de alegria. Santo Tirso foi para nós um parque florido. Braga impressionou-nos, bem como os seus arredores, o Bom Jesus e o Sameiro. Guimarães—berço da nacionalidade—mostrou-nos, além do seu Castelo, o Paço dos Duques. Porto, onde passámos a correr, limitou-se a mostrar-nos a cidade reflectida nas águas do Douro. Coimbra—cidade dos Doutores—conquistou-nos com a antiga Universidade e o grandioso Convento de Santa Clara, onde se encontra o Túmulo da Rainha Santa.

Eis-nos de regresso a Lisboa. Foi breve a visita, mas mais breve foi a chegada à Capital! Enfim, terminou um passeio inesquecível para todos nós, porque todos recordamos com saudades os belos momentos vividos.

Foi não só um passeio para aumentar os nossos conhecimentos culturais, mas também para que o intercâmbio entre o Ultramar e a Metrópole se cimente cada vez mais.

N. R. — *Maria Leonor d'Alva Teixeira visitou recentemente Portugal Continental, integrada na caravana dos finalistas de Luanda, jornada que teve o patrocínio da TAP e da M.P.. Demorou-se entre nós cerca de vinte dias, tendo regressado a Angola em princípios do mês passado. As suas impressões, que temos o prazer de publicar, foram-nos enviadas da bela capital angolana.*

Falam portugueses do Ultramar

(Continuação da 4.ª página)

inúmeras dificuldades em me adaptar ao regime de estudo da Universidade, na verdade bastante diferente do do Liceu.

E tu, podes contar-me o que sentiste, ao entrares para a Universidade?

— *Estudei num Liceu misto, Liceu Gil Eanes, na Ilha de S. Vicente. Neste Liceu a camaradagem era sã. O Cabo-verdiano é um óptimo colega, com qualidades e capaz de varrer todos os obstáculos que porventura apareçam entre camaradas. Como fui habituada neste meio, que na minha maneira de ver é muito parecido com o da Faculdade que frequento, a adaptação, neste sentido, nada me custou. Estranhei apenas o regime de aulas, mas isto é natural, porque passei de um curso secundário para um curso superior. Já noutra etapa da minha vida senti uma transição semelhante, quando passei da instrução primária para o liceu. Chocou-me imenso a falta de convivência entre professores e alunos.*

Não te importas de dizer o que te levou a entrares para a Comissão de Recepção aos Estudantes Ultramarinos e quais as actividades em que já tomaste parte?

— Antes de mais nada porque essa Comissão era uma necessidade que se impunha e que, para ter realidade, precisava de colaboradores e, também porque, como ultramarino, eu conhecia as dificuldades que se sentem: lá, quanto a informações sobre os diversos cursos; cá, quanto à adaptação. Talvez por isso, comprometi-me a fazer parte da secção de informações.

Olha lá, há muitos estudantes cabo-verdianos que vêm para a Metrópole? Quais os seus cursos preferidos?

— *O Cabo-verdiano é muito inteligente e penetra em todos os ramos da Ciência. Todavia nota-se uma propensão para o Direito e Medicina. Para o Direito porque gosta de discutir qualquer problema jurídico com bases seguras. O cabo-verdiano que pode instruir-se procura conhecer bem a nossa organização jurídica para saber o que diz e o que faz. Admiram juízes imparciais e por isso quando atingem esse cargo procuram sê-lo. A percentagem que vai para Medicina é um pouco inferior à que vai para Direito, mas ainda ocupa uma posição relativamente boa em relação à repartição dos estudantes Cabo-verdianos pelos diversos ramos da Ciência. Gostam de servir a Humanidade. São caridosos e têm, em geral, a aspiração de se formarem para proteger os seus patrícios pobres. Como o Arquipélago é pobre procuram com o seu esforço, inteligência e espírito de sacrifício compensar a pobreza da terra.*

Mudando um pouco de assunto, queria que me dissesses o que pensas da vida nas Casas Universitárias da M. P.

— Há uma sugestão que talvez traduza perfeitamente o que penso sobre as Casas Universitárias e que é esta: deviam existir mais.

Deviam, porque nestas casas se encontra na verdade um convívio com estudantes de diversas províncias e diversos cursos, contacto, esse, que é sempre proveitoso. Além disso têm condições óptimas sob o ponto de vista económico. Espero por isso que, dentro de poucos anos, o número dessas casas aumente, de maneira a fazer face às necessidades actuais.

Para terminar gostava de saber qual é a tua ideia acerca do pensamento da rapariga universitária perante o problema «Ultramar».

— *A rapariga metropolitana universitária, regra geral, tem uma noção errada do Ultramar. Isto é natural pois para se conhecerem certos problemas do Ultramar é preciso vivê-los. Tenho notado que a rapariga metropolitana é curiosa e procura saber o estado de civilização e progresso de cada uma das nossas províncias ultramarinas. A rapariga ultramarina em especial, tem o objectivo de se dedicar ao Ultramar logo que termine o curso. Todas trabalham no sentido de fazer das províncias ultramarinas qualquer coisa muito semelhante à parcela portuguesa da Europa.*

S. VICENTE — *Panorama parcial do porto*

HERÓI E SANTO

Entramos agora no período das comemorações do centenário do mais popular e ao mesmo tempo um dos maiores heróis da História da Pátria. É ele D. Nuno Álvares Pereira. Português de grandes e nobres princípios, aliava à força e coragem do leão a sagacidade da raposa. Era um dos pilares sobre os quais se apoiava a independência nacional. Se ele não existisse ou tombasse, talvez ruísse todo o edifício. Soube sempre desempenhar com probidade o papel de Condestável, pelo que foi bem recompensado pelo rei D. João I, que o fez dono de meio Portugal. Mas, apesar de ser o homem mais rico do reino, depois do rei, não se desviou um centímetro que fosse daquilo que a sua consciência lhe ditava e que achava de justiça. A riqueza não lhe deturpou as qualidades e virtudes. Profundamente religioso e caritativo, grande parte da sua fortuna revertia a favor dos pobres. Conde de Ourém, Arraiolos e Barcelos, mordomo-mor de D. João I, Condestável do reino e senhor de mais de 40 cidades e vilas espalhadas por todo o Portugal, gastava grandes quantias, não no luxo ou nos divertimentos, mas vestindo de dois em dois anos todos os pobres que viviam nos seus vastos domínios.

Nunca vendeu o trigo das suas

(Continua na 11.ª página)

EM LISBOA... EM LUANDA

«Se eu soubesse, dizer o que me vem»
ao pensamento, em horas sem igual,
dir-te-ia que estou triste, muito triste,
triste por ti, querido Portugal.

«Tu que estás sempre alegre e descuidado»
como se foras um colegial
vejo agora que sofres, e estou triste,
triste por ti, meu velho Portugal.

Como outrora os teus antepassados
os teus jovens têm um ideal
vamos girtar bem alto, ao mundo inteiro:
Somos portugueses! Viva Portugal!

MARIA ALEXANDRA MARTINHO

Responsabilidades de uma inscrição voluntária

Depois do 1.º ciclo, em que fomos obrigados a frequentar as actividades da M. P. agora ao iniciar o 3.º ano podemos fazer ou não a nossa inscrição.

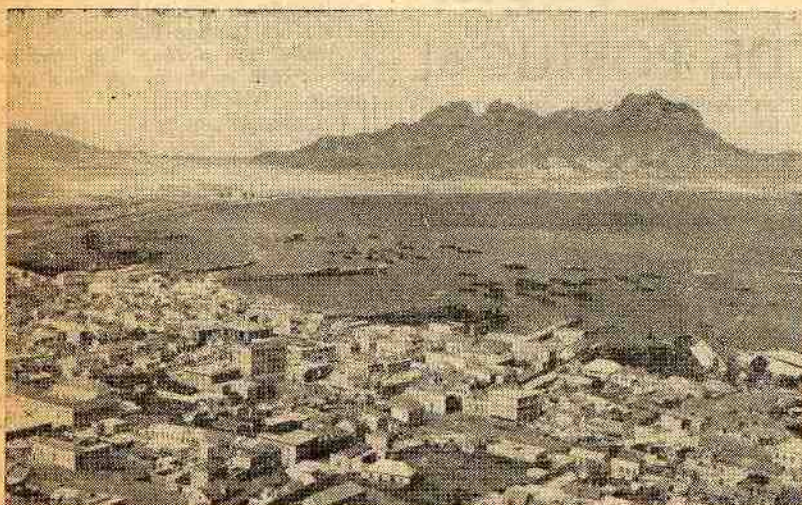
O regime de voluntariado é, porém, de uma grande responsabilidade porque nos obriga a cumprir e nos vincula muito mais à nossa Organização.

Se é de reprovar-se a um filiado do 1.º ciclo, o desleixo no cumprimento dos seus deveres, esse desleixo é, agora, imperdoável, pois denuncia uma triste falta de consciência no acto da inscrição.

Gostaríamos de ver a todos nas nossas fileiras, que ninguém ficasse ausente, pois a M.P. é para todos e de todos, mas que a sua vinda fosse autêntica manifestação de uma vontade própria liberta de segundas intenções, animada de verdadeiro espírito. Por isso mais do que o número, nos interessa a qualidade, que só com bons e dedicados filiados poderemos cumprir o programa que a nós mesmos nos impusemos. Colaborar pronto e abertamente, com o maior entusiasmo das nossas almas, na cruzada de bem servir sem fugir a perigos ou recuar perante sacrifícios a nossa querida Pátria.

Não é pois de admirar que a um filiado do 2.º ciclo se exija mais do que a um do 1.º. Não só porque já tem outra idade, mas, ainda, porque a sua permanência nas actividades é voluntária e não mais obrigatória.

Que cada um pense bem antes de se inscrever, na grande responsabilidade que vai assumir e, depois de o fazer, que saiba cumprir com alegria e zelo, procurando ser exemplar na sua dedicação à M.P.

Francisco José B. Roseta
(A.C.C.)

Primeiro encontro de Nun'Álvares com a espada

Por solitário, penumbroso monte,
Andava Nuno, adolescente ainda,
Quando, entre os limos verdes duma fonte
Que na rocha se abria, clara e linda,

Viu desenhar-se a imagem duma espada.
Parou ansioso! Mas decerto a imagem
Era na poeira da manhã doirada
Apenas uma sombra da folhagem.

E mergulhou as mãos na água sombria.
Santo Deus! Os seus olhos não mentiam.
Era bem duma espada a folha esguia
Que os seus trémulos dedos percorriam.

Oh! Que formosa espada! Nuno tinha-a
A ergueu da água — e, sobrenatural,
Com tão imaterial têmpera de aço,
Ficou a cintilar como um cristal!

Oh! Que formosa espada! Nuno Tinha-a
Voltado de cutelo a ver-lhe o fio.
A espada assim era uma fina linha;
Como um fio de sol, quente e macio.

E logo um fio de luz veio,
Como uma auréola, um resplendor, um halo,
Envolvê-lo de luz que dava em cheio
Sobre o seu coração a iluminá-lo.

Nuno segura-a agora pelos topos,
Entre os seus dedos. Súbito, contrai-os;
A espada vista pela cruz dos copos
Era uma estrela aberta em quatro raios.

Logo os olhos de Nuno, em pleno dia,
Viram nas nuvens uma estrela flava
Que os anjos lhe mandavam para guia
Dos caminhos que Deus lhe destinava.

Nesta contemplação quase febril,
O sol tinha atingido a alta rama.
E, ao sol, a espada vista de perfil
Era uma língua de vermelha chama.

Logo a água da fonte, por reflexo,
De sangue se tingiu, em grandes malhas.
E Nuno leu na ígnia cor, perplexo,
O seu signo de glórias e batalhas.

A espada, ao alto agora, — em glória e espanto
Formava no alto a cruz dos Evangelhos.
Ah! Mas a espada assim pesava tanto
Que Nuno para a erguer caíu de joelhos!

RAMIRO GUEDES DE CAMPOS

Herói e santo

(Continuação da 10.ª página)

searas, mas enceleirava-o com o fito de o distribuir nos anos de maior miséria pelos necessitados.

Mandou construir várias igrejas em honra de Nossa Senhora, entre as quais avulta a do Carmo, em Lisboa.

Quando chegou a cerca dos 60 anos, fez a maior oferenda de toda a sua vida: ofereceu a sua própria pessoa ao mosteiro que mandara construir e já anteriormente nomeado. E ele, o herói das grandes batalhas, que quando desembainhava a espada fazia tremer os inimigos e com um só gesto punha em movimento todas as hostes portuguesas, ocultava-se entre frades obscuros, substituindo a rutilante armadura pelo burel humilde dos Carmelitas. Mas foi ainda mais longe a sua humildade: No convento, não era mais que uma espécie de criado devoto. D. Nuno, agora Frei Nuno de Santa Maria, calcurriava as ruas de Lisboa mendigando o seu sustento. Quando D. Duarte lhe pediu para ficar com o título de Condestável, ele respondeu: — O Condestável já está morto e amortalhado. E foi preciso que o mesmo D. Duarte, por ordem de seu pai, lhe proibisse terminantemente o implorar a caridade pública, para que ele deixasse de o fazer. O povo chamava-o Santo, e tinha razão para isso. Antes das batalhas, apeava-se do cavalo, tirava o elmo, e, com os joelhos em terra, orava com fervor. Bastava este gesto de D. Nuno para que os seus soldados se enchessem de uma coragem e duma fúria irresistível.

Era uma grande e nobre alma de que todos devemos seguir o exemplo. Ele deve estar no paraíso a velar por Portugal. Para tal supormos basta recordar as palavras de Jesus Cristo: — Em boa verdade vos digo que aquele que se exalta, será humilhado; mas aquele que se humilha, será exaltado. Hoje é venerado com o nome de Beato Nuno de Santa Maria. É devido a homens como este que devemos orgulhar-nos de ser Portugueses. D. Nuno foi sem dúvida um grande herói. Mas foi sobretudo, um grande santo.

José Alberto Campos Monte

Doação

O vento sopra, hostil, no campo de batalha
e a Pátria... no meu peito diz-me a dor que periga!

Eu, Nun'Álvares,
Sinto que tenho aqui mais algo a defender
em guerra contra as hostes de Castela,
do que o chão que ora piso com o peito a arder
e soluços em espasmo na garganta seca!:

Alguma coisa me segreda que é o próprio Deus,
Inseguro nos Céus, inseguro na Terra,
Que quer associar a minha Pátria amada
A algum dos mais profundos planos seus!

Pois quê?! Que génio é este que cá dentro clama,
No mais profundo do meu ser em chama
e força-me a expulsar a gente de Castela
Com direito evidente à coroa lusitana?

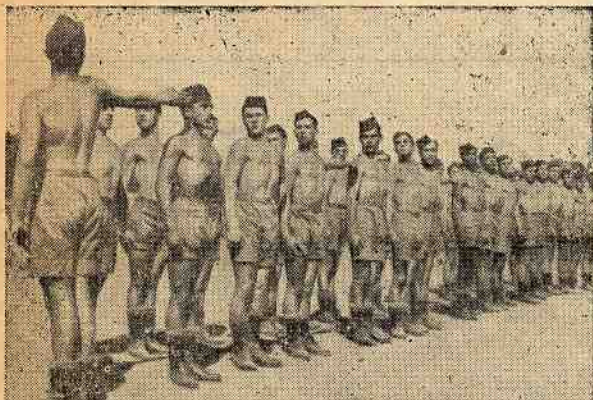
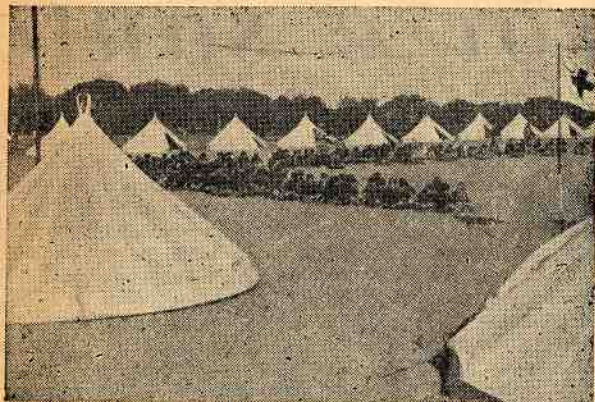
Ah, não sei!
É algo que transcende este céu que me cobre
E esta terra que piso, em ânsia de vitória!

A luta está bem rija, a Pátria está em perigo!

Que me importa o que seja? Força é que combata!
Faça-se, ó Deus, Tua vontade santa!
Aqui me tens p'ra Ti! E tudo o que sou eu,
Ainda o mais recôndito de mim,
É para Ti!

CASINHA NOVA

25 ANOS AO SERVIÇO DA JUVENTUDE

EM 1937 REALIZARAM-SE: O 1.º ACAMPAMENTO NACIONAL DA M.P., UM FESTIVAL DE GINASTICA NO JOCKEY CLUBE, O 1.º CURSO DE GRADUADOS E SOLENES COMEMORAÇOES DO 1.º DE DEZEMBRO

GRADUADOS DA M.P. PRESTAM HOMENAGEM AS MÃES DE PORTUGAL

ENTREGA DE INSIGNIAS NUM CURSO DE GRADUADOS